

Os grupos caçadores-coletores do Rio Grande do Norte

Daniel Bertrand

Graduado e Mestrando em História – UFRN

e-mail: dbertrando4@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar uma síntese bibliográfica das pesquisas arqueológicas realizadas sobre os grupos caçadores-coletores, com ênfase em suas indústrias líticas, que ocuparam o Rio Grande do Norte no período pré-colonial. Com o levantamento bibliográfico verificamos a presença de vários horizontes caçadores coletores, em varias regiões do território potiguar, com datações radiocarbônicas demonstrando ocupações que variam de 500 até 9500 anos atrás.

Palavras-chaves

Caçadores-coletores, indústrias líticas, datações radiocarbônicas

Poucas são as pesquisas arqueológicas que tratam sobre as populações pré-coloniais que tinham como forma de subsistência a caça e a coleta no Rio Grande do Norte. Estes grupos utilizaram vários tipos de instrumentos e utensílios, destes somente os feitos em pedra resistiram até os dias atuais. Embora, sejam muitas as ocorrências de vestígios desses grupos espalhados no território potiguar o que temos até o momento são descrições sobre indústrias líticas referentes a sítios arqueológicos isolados, havendo poucas discussões sobre esses grupos pré-coloniais num contexto arqueológico regional.

Muitas das ocorrências de vestígios arqueológicos, ligados a grupos pré-coloniais que habitaram o território potiguar, são oriundas das informações retiradas das coleções arqueológicas existentes no Estado, sendo elas particulares ou de museus. Em relação às coleções dos museus, as peças que compõem estas coleções foram adquiridas através de doações e que na maioria das vezes não foram registradas a procedência precisa destes objetos.

Grande exemplo do que foi exposto acima é a coleção arqueológica que está guardada no Museu Histórico Lauro da Escóssia, localizado no município de Mossoró. No acervo do museu são registrados mais de “350 peças líticas entre pontas talhadas, lâminas de machado polidas, mós, almofarizes e mãos de almofarizes, além de contas de colares de quartzo verde” (Martin, 1980, p.75).

Essa coleção é composta por peças originárias de várias localidades do Rio Grande do Norte. De acordo com o livro de tombo da instituição, esses objetos vieram, principalmente, dos seguintes municípios do Estado, já que 23% das peças não se tem o registro do local de origem (Silva, 2005, p.10): Caiçara do Rio dos Ventos, Lajes, Taipu, São Paulo do Potengi, São Tomé, Lajes Pintadas, Santa Cruz, Mossoró e Apodi (Martin, 1980, p.74; Silva, 2005, p.11).

Dos vestígios identificados na coleção do museu de Mossoró, as pontas de projétil evidenciam a presença de grupos caçadores-coletores em território potiguar. Estes artefatos líticos, relacionados à especialização da atividade econômica, foram encontrados sempre em superfície tanto no interior quanto na zona litorânea (Spencer, 1996, p.30). Estas pontas, identificadas em território potiguar, foram

reunidas em uma tradição arqueológica, denominada pelo pesquisador Armand François Gaston Laroche de Tradição Potiguar. Segundo Laroche as pontas da Tradição Potiguar são:

uniformemente lavradas e com grande precisão. O pedúnculo, firmemente traçado, termina às vezes por uma reentrância cônica. Estas pontas são todas bifaciais e relativamente de boa espessura, o que contribui para sua solidez e poder de penetração. São artefatos de rara beleza, sendo firmemente retocados em formatos lanceolados ou foliáceo. Os gumes apresentam-se serrilhados. (Laroche, 1983 apud Spencer, 1996, p. 31)

Os exemplares desta tradição tiveram sua presença registrada em varias regiões do Rio Grande do Norte. Alguns desses exemplos foram identificados nos seguintes municípios: Nísia Floresta, Currais Novos, São Rafael, Santa Cruz, São Paulo do Potengi, Acari, Carnaúba dos Dantas, Caiçara do Rio dos Ventos, Ceará – Mirim, Barcelona, Caraúbas (Spencer, 1996, p.31), São Tomé, Lagoa de Velhos e Sítio Novo.

Sabemos que o Rio Grande do Norte estava sendo povoado por grupos de caçadores-coletores a mais de nove mil anos atrás, na região do vale do rio Seridó e seus afluentes e na região centro-sul do estado. Foram identificados restos humanos em dois sítios arqueológicos que remontam a esse período, sendo eles o sítio “Pedra do Alexandre”, em Carnaúba dos Dantas, e o sítio “Mirador” em Parelhas. Segundo datações obtidas nestes sítios, de 9410 anos BP, para o sítio Mirador e de 9400 anos BP para o sítio Pedra do Alexandre. Junto com os enterramentos encontrados no sítio Pedra do Alexandre, próxima a fogueiras foi identificada a presença de material lítico em quartzo e sílex, raspadores e restos de lascamento, como também um machado polido (Martin, 1984, p.46).

Outra área estudada que apresenta este tipo de vestígio arqueológico é na região central do Estado, em área banhada pelo rio Assu – Piranhas. Durante as pesquisas de Salvamento Arqueológico da área que veio a ser ocupada pela barragem Armando Ribeiro Gonçalves, obra e pesquisa financiadas pelo Departamento Nacional de Obras de Combate a Seca (DNOCS). Essas pesquisas foram realizadas pelos arqueólogos Tom Oliver Miller Junior e Vicente Giancotti Tassone, pesquisadores ligados ao Departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo. Não há

publicações dos resultados das escavações e das análises de laboratório do material coletado e sim entrevistas fornecidas pelos arqueólogos responsáveis pelo projeto de salvamento e relatório parcial das atividades de campo que estão inseridas no projeto final desta pesquisa. O arqueólogo André Prous, na busca de dados para a produção de seu livro “Arqueologia Brasileira”, visitou o Museu Câmara Cascudo e recebeu informações orais sobre a existência de sítios-oficinas, implantados em grandes pavimentos detriticos com matéria-prima de boa qualidade para o lascamento, em jaspe e sílex. Essas indústrias líticas de seixo ainda não foram descritas, sendo bastante grosseira dificultando a verificação dos que são ou não vestígios arqueológicos.

Segundo informações orais do pesquisador Vicente Giacotti Tassone o principal assentamento escavado nesta pesquisa, o sítio arqueológico Angico, apresentou uma boa estratigrafia fornecendo as seguintes informações:

Embaixo dos níveis com cerâmica que ocupam 40 centímetros superiores, vários componentes pré-cerâmicos aparecem dentro de lentes argilo-arenosas depositadas pelo rio. Embaixo, uma camada de argila contém dois níveis líticos antigos, datados de 8000 a 9000 BP. A base do sítio é formada por um cascalhão estéril. O nível arqueológico inferior se caracteriza por uma indústria de lascas retocadas unifacialmente, às vezes plano-convexas, e deve pertencer ao mesmo grupo das outras indústrias de lesmas do Holoceno inicial, dos estados de Minas Gerais e Goiás. Em uma das sondagens, o nível inferior apresentou uma fogueira circular ao redor da qual estava espalhado o refugo de debitage. Havia buracos de postes na região periférica. (Prous, 1992, p.192)

Já na obra de Gabriela Martin, a partir de informações dadas por Tom Miller, fala da identificação de seixos alongados de quartzitos e lascas de quartzo e jaspe, em uma cascalheira localizada em terraços fluviais. A lasca foi obtida por lascamento bipolar. Poucos instrumentos retocados e grandes quantidades de lascas, restos de debitage, depositados em camadas pouco espessas que mostram ocupações sucessivas pertencentes ao período arcaico (Martin, 1999, p.178).

O relatório parcial das pesquisas realizadas na área onde seria implantada a Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, indica a existência de 14 sítios arqueológicos. Muitos desses sítios foram escavados pela equipe de arqueologia do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo que somente os

resultados obtidos pelas pesquisas do pesquisador Armand François Gaston Laroche foram divulgadas (Tassone e Miller, 1980).

Tais investigações apontam para a presença sítios arqueológicos com vestígios líticos, apresentando um ou mais solos de ocupação, com lascas de calcedônia, seixos lascados e restos de fogueiras. Dois sítios pesquisados por Laroche apresentaram uma maior descrição das escavações e das indústrias, sendo eles Mutamba II e Bonito, localizados no município de São Rafael e Jucurutu respectivamente (Laroche e Laroche, 1979).

Em outra região banhada pelo rio Piranhas-Assú, na área que se estende do município de Assu até o município de Macau, foram identificados vinte e três sítios arqueológicos que apresentaram vestígios arqueológicos tanto pré-colonial quanto histórico¹.

Como resultados dessa pesquisa foram identificados três horizontes de ocupação que tinham como base de subsistência a caça e a coleta. Juntamente com estes horizontes foram identificados conjuntos de sítios relacionados à ambientes específicos, localizados ao longo área do empreendimento estão associados à lagoa da Ponta Grande localizada no município de Ipanguassú (Robrahn-González, Sousa Neto e Morales, 2005, p.185).

Nas pesquisas realizadas durante a implantação do Circuito 1 foram obtidas duas datações absolutas, através do C14, referentes a duas estruturas de combustão identificadas nas escavações do sítio arqueológico Areião. Na sondagem S06 no nível 02 foram coletadas amostras de carvão de uma estrutura de combustão apresentando uma datação de 980 A.P. (Beta – 189101) e na sondagem S18 no nível 09 foram coletadas amostras de carvão apresentando uma datação de 3380 A.P. (Beta – 189102). (Robrahn-gonzález, Morales e Nascimento, 2004a, p.129)

Com as pesquisas de campo e as análises das coleções arqueológicas associadas as datações absolutas obtidas foram observados quatro horizontes de ocupação

¹ Pesquisas realizadas pela empresa Documento Antropologia e Arqueologia com o apoio institucional do Museu Câmara Cascudo, pelo “Programa de Prospecção e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Linha de Distribuição 138Kv Assú/Guamaré Circuito 1 e 2”, obra e pesquisa financiadas pela Companhia Energética do Rio Grande do Norte (COSERN).

humana pré-colonial que utilizavam instrumentos líticos para a margem direita do médio-baixo curso do rio Piranhas-Assú².

O primeiro horizonte, identificados no sítio Cuó e no primeiro solo de ocupação do sítio Areião, caracterizou-se pela presença de artefatos longitudinais plano-convexos de seção transversal curta tendo como suporte lasca feitos com acuidade e não apresentaram córtex. O segundo horizonte caracterizou-se pela presença de vestígios líticos associados a produção de artefatos leves que apresentaram retoques invasores. Neste horizonte há uma maior frequência de lascas retocadas e lascas de acabamento e reavivamento de artefato e microlascas. Os agrupamentos humanos relacionados a este horizonte foram identificados nos sítios implantados em paleocascalheiras, tais como o Mulungu, Açude Novo de Barrocas II, e nos sítio localizados próximos a cursos d'água temporários como nos sítio Itu I e primeiro solo de ocupação do sítio Santa Rita. O terceiro horizonte registrado na pesquisa foi identificado na maioria dos sítios localizados as paleocascalheiras, sendo eles Mulungu, segundo solo; Açude Novo de Barrocas I; Açude Novo de Barrocas II, segundo solo; Amargoso I; Amargoso II; Amargoso IV; Pedrinhas I, II e III; Pataxó 1e segundo solo do sítio Santa Rita. Os vestígios ligados a este horizonte apresentaram um lascamento mais grosseiro e a presença de raspadores plano-convexos de seção transversal alta com córtex sobre lasca. Em muitos vestígios foi observado sucessivas linhas de reavivamento e sinais intensos de utilização. Artefatos líticos identificados na pesquisa, provavelmente associado ao terceiro horizonte de ocupação, caracterizou-se pela presença de raspadores proximais sobre lascas espessas e robustas e raspadores laterais e frontais sobre lascas espessas ou fragmentos de seixos com a presença de bico. Estes vestígios podem representar uma regionalização do conjunto anterior e foram registrados nos sítios Açude Novo de Barrocas I, Santa Rita e Amargoso I. (Robrahn-González, Sousa Neto e Morales, 2005, p.188-189)

² Foram identificados na pesquisa dois outros horizontes de ocupação, um lito-cerâmico com sítios localizados próximos a lagoa da Ponta Grande, os sítios arqueológicos Lagoa da Ponta Grande, Serrote do Canto Escuro I, II, III. O outro horizonte de ocupação, também localizado na área da lagoa da Ponta Grande, está associado à ocupação sertaneja os sítios arqueológicos relacionados a esse horizonte são Pedrinhas IV, Serrote do Canto Escuro I, Lagoa da Ponta Grande e Itu II (Robrahn-González, Sousa Neto e Morales, 2005, p.189-192).

Os autores relacionam os resultados de suas pesquisas confirmando as hipóteses levantadas pelo arqueólogo Armand François Gaston Laroche. As indústrias líticas que apresentam córtex são mais recentes que as indústrias líticas sem córtex (Laroche, 1983, p.19). Fazem essas afirmações com base nos estudos realizados por Laroche no sítio arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta)³ através das datações obtidas neste sítio e as características da coleção lítica do mesmo⁴. Neste sítio, de acordo com datações radiocarbonicas, confirmam uma ocupação humana de 3400 anos BP até 500 anos BP. Estas ocupações iniciais com o fim do Althi-Thernal, prolongando-se até os tempos históricos.

O sítio arqueológico Riacho da Volta está localizado no município de Angicos, região central do estado, distante cerca de 20 km da sede do município, nas terras da fazenda Bom Sucesso, nas margens do riacho da Volta. Está implantado no terraço do riacho próximo a uma barragem construída pela fazenda, na área do sítio existe uma caverna com registros rupestres.

As pesquisas desenvolvidas no sítio ocorreram em dois momentos distintos, escavados por pesquisadores diferentes. No primeiro momento as escavações realizadas por Laroche limitaram-se a abertura de cortes estratigráficos escavados por níveis artificiais de 10 cm. Nesta etapa foram abertos 10 cortes, sendo 07 na área do terraço e 03 no interior da caverna. Nessas intervenções foram coletadas uma grande quantidade de vestígios líticos e amostras de carvão para datação. Na outra etapa realizada pela equipe do professor Vicente Giancotti Tassone foi aberta uma trincheira de 20 metros na área do terraço onde foram coletados vestígios líticos e cerâmicos (Laroche, 1993, p.86-87).

Tabela 01

Datações absolutas na estratigrafia do sítio arqueológico Riacho da Volta (idades em B.P.)

Níveis	Cortes Estratigráficos			
	02	05	06	08
0 – 10 cm				

³ Os vestígios líticos coletados nas pesquisas realizadas no sítio foram registrados no Departamento de Arqueologia, local onde o material está depositado, com a denominação de Riacho da Volta.

⁴ Verificando a documentação do sítio Riacho da Volta no Departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo este deve ser o sítio Angicos descrito por André Prous no seu livro Arqueologia Brasileira.

10 – 20 cm				505 ± 110
20 – 30 cm	1090 ± 145		700 ± 199	
30 – 40 cm			1780 ± 88	
40 – 50 cm			1380 ± 86	3370 ± 90
50 – 60 cm			1360 ± 80	
60 – 70 cm				
70 – 80 cm				
80 – 90 cm		2000 ± 82		

Fonte: Laroche, 1993: 85 – 88.

Outros dados importantes a acrescentar sobre o sítio arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta) são informações de que nas escavações realizadas na margem do riacho, foram coletadas amostras de carvão a uma profundidade de 1,20 metros, que resultou em uma datação de 9.000 anos BP (Laroche, 1983, p.26; Prous, 1992, p.192; Leroi-gourhan, 1997, p.52).

Segundo Armando François Gaston Laroche essas tecnologias que se iniciaram com o fim do Althi-Thermal:

Que caminharão muito tempo em paralelo, sendo que aos poucos, uma delas é superada pela outra. Tais acontecimentos comprovam evoluções econômicas, provocadas por flutuações climáticas. A provável substituição gradativa de um sistema econômico por outro, cada vez mais correlato com as novas condições. Alguma dessas modificações provem de alterações do período Althi-Thermal e do pequeno fluvial. (Laroche, 1983, p.19)

O sítio arqueológico Serrote dos Caboclos localizado na região central do Estado na área do município de Pedro Avelino apresentou características tecno-morfológicas parecidas com as dos sítios dos terceiro horizonte de ocupação caracterizados nas pesquisas das linhas de transmissão. Este sítio arqueológico foi pesquisado em dois períodos distintos, um no final da década de 1970 onde foram realizados algumas sondagens e coletas de superfície e outro nos anos de 2000/2001 onde só foram realizados coletas de superfície (Sousa Neto, Bertrand e Sabino, 2005, p.254).

A coleção proveniente do sítio arqueológico Serrote dos Caboclos apresentou as seguintes características tecno-morfológicas:

O que podemos afirmar até o momento sobre a coleção lítica do sítio arqueológico Serrote dos Caboclos é que a técnica de lascamento utilizada pelos artesãos no preparo foi a percussão direta com percutor duro, de pedra, não só no preparo da matéria prima para fazer os instrumentos, como também no acabamento dos mesmos. Todos os materiais arqueológicos, com poucas exceções, apresentaram sinais de tratamento térmico. Só que de maneira heterogênia, podendo estes sinais representar uma intervenção humana durante a produção dos instrumentos, ou ação térmica natural. (Sousa Neto, Bertrand e Sabino, 2005, p.258)

Na análise da indústria lítica do sítio Serrote dos Caboclos foram identificados um número considerável de artefatos agrupados por tipos, sendo eles raspadores circulares, laterais, semicirculares, nucleiformes, com bico, proximais, bilaterais, plainas e artefatos plano – convexos. De forma geral o conjunto artefactual proveniente do sítio Serrote dos Caboclos apresentaram os seguintes tipos:

... o primeiro conjunto, os retoques das peças foram feitos por percussão direta, são invasores e em alguns casos abruptos, não há uma preocupação em retirar o córtex das peças e tem como suporte a lasca ou bloco de sílex; o segundo conjunto é de artefatos plano – convexos (lesma) e pequenos artefatos, onde os retoques são mais finos e há uma preocupação por parte do artesão em retirar todo o córtex. (Sousa Neto, Bertrand e Sabino, 2005, p. 260)

Na região banhada pelo rio Apodi-Mossoró e seus afluentes foram identificados, durante as pesquisas realizadas pelo “Programa de Prospecção e resgate do Patrimônio Arqueológico da Linha de Distribuição 69Kv Governador Dix-Sept Rosado/Riacho da Forquilha”, sete sítios arqueológicos que apresentaram vestígios arqueológicos variados, sendo eles divididos em pré-coloniais (líticos e cerâmicos) e históricos (Robrahn-González, Morales e Nascimento, 2004b)⁵.

Dentre os sítios identificados na pesquisa, alguns apresentaram vestígios arqueológicos líticos, sendo eles: Narciso II, Governador I e II e Alazão. Estes sítios arqueológicos apresentaram as mesmas características tecno-morfológicas em suas indústrias líticas. Apontando para dois horizontes culturais para a região:

⁵ Este programa foi executado pela empresa Documento Antropologia e Arqueologia, que recebeu o apoio institucional do Museu Câmara Cascudo e foi financiado pela Companhia Energética do Rio Grande do Norte (COSERN).

- 1) um primeiro relacionado a uma tecnologia mais apurada associada a grupo de caçadores-coletores;
- 2) e um segundo, de tecnologia mais expediente e funções diversificadas das do primeiro, associado a um grupo cultivador. (Robrahn-González, Morales e Nascimento, 2004b, p.149)

Sobre esse primeiro horizonte cultural de grupos caçadores-coletores sua indústria lítica é caracterizada pela presença de artefatos raspadores circulares, laterais, terminais e com bico, furadores, onde os artesãos utilizaram como suporte lascas de seixo de sílex, principal matéria-prima. As lascas identificadas nos sítios estão localizadas sempre próximas aos artefatos que apresentam preparo de talão, sendo eles do tipo liso, linear e cortical e apresentam tratamento térmico. Os vestígios arqueológicos identificados nos sítios arqueológicos que estão ligados ao horizonte horticultor apresentam lascas com dimensões maiores sem preparo no talão, sendo do tipo cortical ou liso (Robrahn-González, Morales e Nascimento, 2004b, p.149-164).

De acordo com as características descritas acima sobre as indústrias líticas dos sítios arqueológicos identificados na região do rio Apodi-Mossoró, podemos supor que “constituem um conjunto de artefatos distintos de outros encontrados em sítios do médio Assú e devem estar associados a um horizonte de ocupação ainda não caracterizado na literatura” (Robrahn-González, Morales e Nascimento, 2004b, p.151).

Outra região do Rio Grande do Norte com vestígios arqueológicos ligados a grupos de caçadores-coletores estão localizados em sítios arqueológicos identificados no litoral potiguar. Com o projeto arqueológico “Homem das Dunas”, realizado pela equipe de arqueologia do Laboratório de Arqueologia, do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a coordenação do arqueólogo Paulo Tadeu de Souza Albuquerque, demonstrou um significativo povoamento do litoral potiguar. Identificando vestígios de artefatos líticos ligados ao período pleistocênico (Spencer, 1996, p.34).

As indústrias líticas existentes nos sítios arqueológicos identificados no projeto “Homen das dunas” apresentam as seguintes características:

São sítios oficinas, caracterizados pelo grande número de lascas e por instrumentos terminais, dentre eles, raspadores plano-convexos, sobre lasca, com preparo dorsal escalonado e retoque fino no seu bordo, rapadores frontais e laterais, núcleos totalmente esgotados, seixos fatiados e batedores, ocorrendo também à existência, em algumas áreas, de alguns poucos instrumentos polidos, como almofarizes, mãos de pilão e machados. (Spencer, 1996, p.34)

Algumas considerações preliminares foram apontadas no projeto sobre as ocupações pré-históricas do litoral potiguar, essas estão ligadas aos vestígios e ao meio ambiente:

- 1) a identidade funcional dos vestígios líticos como tradicionalmente considerados, não se coaduna com a realidade ambiental hodierna;
- 2) os vestígios líticos estariam demonstrando, então, uma contemporaneidade a uma realidade ambiental completamente diferente da atual – inclusive no que concerne à proximidade do mar – se levássemos em consideração o uso atribuído aos instrumentos referenciais da chamada Tradição Itaparica, relacionados, tradicionalmente, à caça especializada de animais de grande porte e, eventualmente, embora polêmico, até mesmo ao abate de mamíferos de mega-fauna pleistocênica;
- 3) ou, os conceitos de ‘tradição’ e ‘fase’ não servem, neste caso, de parâmetros seguros para a definição de estágios culturais análogos. (Spencer, 1996, p.35)

Sobre estas considerações, concordamos com a terceira, onde os conceitos de tradição e fase são insuficientes para a caracterização de um grupo cultural, em especial a essas culturas líticas. Não existe um controle estratigráfico dos vestígios no sítio, por causa das características geomorfológicas das dunas, onde os sítios arqueológicos estão implantados, e também a falta de datações que sustente essas ocupações mais antigas, pois as datações mais antigas que estão diretamente relacionados a esses conjuntos artefatuais no Estado não passam de 4000 anos BP, datações provenientes dos sítios arqueológicos Riacho da Volta e Areião, ambos localizados na região central do Estado.

De acordo com os dados levantados na pesquisa podemos verificar que todas as regiões do território potiguar foram ocupadas por grupos humanos que tinham como base de subsistência a caça e a coleta. Até o momento pouco pode ser dito sobre estes agrupamentos humanos no Rio Grande do Norte em uma escala regional, já que poucas regiões foram estudadas de forma sistemática com pesquisas voltadas a grupos com vestígios arqueológicos do tipo lítico, com exceção da pesquisa na área central do estado.

Em muitas regiões os indícios dos grupos caçadores-coletores estão relacionadas à presença de vestígios líticos que estão localizados em coleções de museus doados por moradores locais e de pesquisas de sítios isolados em algumas regiões do Estado. A partir destes dados podemos verificar a presença deste agrupamentos humanos em varias regiões do Estado podendo alguns estarem relacionados as ocupações mais antigas, como os grupos que fabricaram e utilizaram as pontas de projétil existentes na coleção do museu de Mossoró.

Os dados que temos sobre estes grupos nos mostram que os mesmos habitaram o território potiguar por um longo período de tempo, segundo as datações radiocarbônicas eles já estavam aqui há pelo menos 9000 anos atrás, de acordo com as

datações dos sítios Pedra do Alexandre e Mirador no Seridó Potiguar e do sítio Riacho da Volta na região central do estado, e viveram até pelo menos 1000 anos (AP), datação obtida no sítio Areião no município de Ipanguassú. As datações mais antigas estão relacionadas a pesquisa de sítios isolados e necessitam de um maior detalhamento no que se refere a relação com vestígios lítico. Como também um número maior datações desse período para confirmar este horizonte. Até o presente momento podemos ao menos afirmar que existem evidencias materiais da presença humana em territorio potiguar em periodos bastante recuados.

Pelo menos dois horizontes de ocupação foram estudados com um maior detalhe até o momento na margem direita do medio-baixo do rio Assu – Piranhas. O mais antigo datado em 4000 anos identificado nos sítios Cuó e o primeiro horizonte do sítio Areião este horizonte pode estar associado com o sítio Riacho da Volta, esta associação necessita ainda de um aprofundamento das análises realizadas neste último.

O segundo horizonte melhor caracterizado, que habitaram a região a pelo menos 980 anos AP, foram identificados nos sítios Serrote dos Caboclos, Mulungu, Pedrinhas I, II, III e IV, Açude Novo de barrocas I e II, Amargoso I, II e IV, Santa Rita e o primeiro horizonte de ocupação do Areião. Verificamos que esses agrupamentos humanos estavam utilizando as paleocascalheiras de sílex localizadas ao longo do rio e de seus afluentes e também aquelas mais distantes como áreas de captação de matéria-prima, em alguns sítios identificamos indícios de teste da matéria-prima, e também estavam fabricando seus instrumentos ou pelo menos iniciando o trabalho sendo o artefato finalizado em outros locais, nas coleções provenientes destes sítios são grandes as frequências de vestígios líticos relacionados aos primeiros estagios de produção de artefatos, tais como lascas iniciais, descorticamento, entre outros.

Em outras regiões do Estado foram registrados vestígios líticos ligados a ocupações caçadores-coletores que ainda não foram estudados com maior detalhe, como os sítios Alazão, Narciso II e Governador I e II localizados na bacia do rio Apodi – Mossoró. Nestes sítios os vestígios líticos apresentam características tecno-tipológicas distintas daquelas identificadas nos sítios ao longo do rio Assú – Piranhas.

Como podemos verificar as referências sobre os horizontes caçadores-coletores que habitaram o território potiguar são ainda incipientes havendo poucas regiões pesquisadas com detalhe no que se refere a esses grupos e mais especificamente as suas indústrias líticas. Entretanto, algumas considerações gerais podem ser apontadas sobre esses grupos pré-coloniais: esses grupos habitaram toda a extensão do território potiguar com o mais variado tipo de assentamentos, registramos sítios arqueológicos implantados em terraços de cursos d'águas, sendo eles de pequeno, médio e grande porte, abrigos e cavernas, topos de serras, áreas de planície, entre outros. Em cada local esses grupos se adaptaram de uma forma específica relacionada diretamente ao ambiente, exemplo disto são suas indústrias líticas.

Referências

LAROCHE, Armand François Gaston. **Sugestões para um modelo de primeira abordagem a uma análise interpretativa de uma coleção de artefatos líticos: estudos sobre artefatos líticos procedentes do Sítio Arqueológico Bom Sucesso (Riacho da Volta) – Angicos (RN)**. Natal: MCC/UFRN, 1983. (Suplemento 13).

_____. **Sugestões para uma classificação das “pontas foliáceas e lesmas”**. Natal: MCC/UFRN, 1981. (Suplemento 9).

_____. **Relatório das pesquisas realizadas referente ao estudo de grupos humanos pré-coloniais pertencentes a tradição potiguar**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1987.

_____. **Estudo arqueológico de tanques e cavernas nos municípios de São Tomé, Açu, São Rafael e Martins**. Natal: MCC/UFRN, 1987.

_____. **Notas preliminares sobre: “o sítio pré-colonial da Casa de Pedra: município de Martins – RN”**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1988.

LEROI-GOURHAN, André. **Dictionnaire de la préhistoire**. Paris, França: Universitaires de France, 1997.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do nordeste do Brasil**. 3 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

_____, O cemitério pré-colonial “Pedra do Alexandre” em Carnaúba dos Dantas RN. In. **CLIO** Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, nº 11, 1984, p. 43 – 58. (Série Arqueologia)

_____. A coleção arqueológica do museu de Mossoró (RN). In. **CLIO** Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal do Pernambuco, nº 3, 1980, p. 73 - 87.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Ed. UNB, 1992.

ROBRAHN-GONZALEZ, Érika M.; MORALES, Walter Fagundes; NASCIMENTO, Luiz Augusto Viva do. **Programa de prospecção e resgate do patrimônio arqueológico da Linha de Distribuição 138Kv Assu/Guamaré**. (COSERN 2004a).

_____; MORALES, Walter Fagundes; NASCIMENTO, Luiz Augusto Viva do. **Programa de prospecção e resgate do patrimônio arqueológico da Linha de Distribuição 69Kv Governador Dix-Sept Rosado/Riacho da Forquilha**. (COSERN 2004b).

_____; MORALES, Walter Fagundes; SOUSA NETO, Luiz Dutra de. **Programa de prospecção e resgate arqueológico da LD Assu Guamaré/Circuito 2**. (COSERN 2005).

SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. Na contramão do trato com os materiais indígenas: a coleção arqueológica do Museu Histórico Lauro da Escóssia. In: **MNEME** Revista de Humanidades da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, dez. 2004/jan.2005. V.6. n.3. (Dossiê Arqueologias Brasileiras). Disponível em <http://www.seol.com.br/menme>.

SOUSA NETO, Luiz Dutra; BERTRAND, Daniel; SABINO, Ana Amélia de Brito. Análise da coleção lítica do sítio arqueológico Serrote dos Caboclos, município de Pedro Avelino/RN. **MNEME** Revista de Humanidades. Caicó (RN), v. 1. n. 16, jun./jul. 2005. p. 251 – 275. Disponível em <http://www.seol.com.br/menme>.

SPENCER, Walner Barros. **Pré-história do Rio Grande do Norte: Em busca dos grandes caçadores**. **Cadernos arqueológicos**. UFRN. CCHLA – v. 1 n. 1 1996.